

# O Oceano Atlântico. Um Mar De Prosperidade?

O Atlântico liga, une, as duas maiores potências marítimas do mundo de hoje, os Estados Unidos da América e a União Europeia. Que os Estados Unidos são uma grande potência marítima ninguém tem dúvidas, mas quanto à União Europeia já se põem algumas interrogações. Eu diria que a UE dispõe das condições materiais para, pelo menos, ombrear com o parceiro americano na sua maritimidade, mas, politicamente e militarmente, não consegue dar expressão às capacidades que detém.

A UE a 27 forma uma longa e relativamente estreita península com cerca de 100 000 km de linha de costa, atlântica e de diversos mares, contra apenas 7 000 km de fronteira terrestre. Os EUA têm aproximadamente 25 000 km de frente de mar para os dois oceanos. Na América, como na Europa as respectivas populações concentram-se, em mais de metade, numa estreita faixa costeira da ordem dos 100 km, onde produzem mais de 50% dos respectivos PIB.

A pressão urbana que de um lado e de outro se exerce sobre o Atlântico, ou seja, sobre o mesmo ecossistema marítimo, é muito forte, redutora da variedade e da quantidade biológica para além de ser poluidora, uma vez que 90% da poluição marítima tem origem em terra. Este aspecto ambiental justifica um primeiro esforço de entendimento entre as duas potências quanto à gestão ambiental do condomínio marítimo que habitam, tendo em vista a prosperidade comum.

A UE movimenta 90% do seu comércio externo e 40% do comércio interno por mar e os EUA, semelhantemente, usam a via aquática, oceanos e grandes lagos, para deslocar 78% do comércio internacional, em volume, e 38% em valor. Vale a pena salientar que o comércio internacional da UE é bastante superior ao dos EUA. Estes exportam 12,3% da cifra mundial, enquanto que, só a soma dos valores da Alemanha, França, UK, Itália e Holanda totaliza 24,9%.

Também nesta segunda vertente, o mar será fulcral para a prosperidade atlântica e recomenda o bom entendimento entre os dois grandes do Ocidente.

A UE dispõe de 40% da frota mundial de navios mercantes, enquanto que, por opção económica, os EUA apenas detêm 1% dessa frota e fazem transportar muito do seu comércio em navios de bandeiras de conveniência. É, por isso, igualmente um sector de actividade relevante para a prosperidade atlântica e deve determi-

nar, por razões estratégicas de segurança e defesa, uma estreita cooperação atlântica.

Do nosso condomínio marítimo também retiramos muitos alimentos, sobretudo peixe e crustáceos. Pondo de lado as algas, os mares contribuem com 6 kg de pescado para a alimentação anual de cada americano. Os Europeus consomem mais. Comem 20 kg de pescado ano e os Portugueses ainda mais, 60 kg /ano. A nossa prosperidade passará, seguramente, pela capacidade de gerirmos os recursos vivos do mar que estão, sem dúvida, em forte declínio em todo o mundo, segunda a FAO e, claro, também no Atlântico. Para Americanos e Europeus o ecossistema marítimo é o mesmo e muitas espécies são migratórias o que impõe gerir bem e coordenadamente, nas duas margens do Atlântico, esta fonte de prosperidade comum.

O oceano desempenha também um papel essencial na segurança e no aprovisionamento energético. O mar do Norte, um recanto do Atlântico, é, depois da Rússia, dos EUA e da Arábia Saudita a quarta maior fonte de petróleo e de gás do mundo. O vento, as correntes e as ondas representam uma vasta reserva de energia renovável ainda pouco explorada, mas que poderia assegurar uma importante parte do abastecimento de electricidade, ou de hidrogénio para pilhas de combustível, em muitas zonas costeiras, quer da Europa, quer dos EUA. A investigação científica nesta área é ainda muito necessária. Aqui, novamente, a colaboração EUA/UE será de enorme interesse.

Estes cinco pontos, identificam aspectos bem conhecidos e importantes para o bem-estar da comunidade atlântica. Situam-se, contudo, no horizonte visível do mar e não nos dizem nada sobre o desconhecido oceano profundo e, menos ainda, sobre a vida nos vulcões, chaminés e nascentes termais submersas. Alguns escritores e poetas como Sophia de Mello Breyner em “A menina do Mar” e a cientista e escritora americana Rachel Carson em “The Edge of the Sea” apresentam algumas particularidades da vida marinha. Contudo, quando os livros foram escritos nos anos 1950 pouco se sabia da vida marinha para além do horizonte então perceptível. Por isso, vale a pena ler-vos o que disse em introdução a uma excelente conferência, feita em Lisboa no ano passado, a Doutora Cindy Van Dover do “College of William and Mary” acerca desse novo e ainda pouco conhecido mundo aquático:

*“The abyssal environment was generally believed to be*

flat, uniformly cold, dark, and unchanging, a place where life was scarce and scarcely interesting. With the construction in the 1960s of the first deep-diving research submersible, Alvin, our view of the seafloor began to change. Contemporary deep-sea scientists now view the ocean floor as a dynamic geological, chemical, and biological system. Its inhabitants are diverse, with remarkable adaptations to environments that are extreme in pressure, temperature, and chemical composition.”

Também na fase introdutória da interessante conferência, ilustrada com vídeos e fotografias, indicou:

“The discovery of active volcanoes and hot springs on mid-ocean ridges introduced us to the extraordinary concept that life can exist on energy derived from chemical reactions rather than sunlight. Animals living at hot springs are abundant, colourful, and exquisite in design.” E, mais à frente, disse que eles têm “remarkable adaptations that allow them to cope with conditions that we were once certain should be lethal to any organism”.

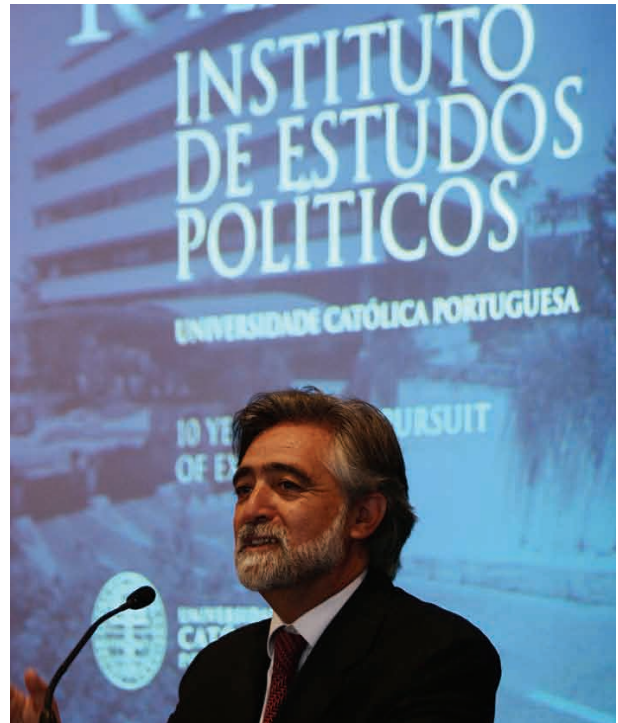
É já uma certeza que no mar existem formas de vida que não dependem da luz solar, isto é, não precisam da função fotossíntese como todas as plantas que conhecemos e toda a cadeia trófica que delas se alimenta. Algumas existem mesmo em temperaturas que julgávamos serem insuportáveis para a vida, que esterilizavam tudo, como disse a Doutora Van Dover.



**Ernâni Rodrigues Lopes**

Na cordilheira submersa centro atlântica que passa pelos Açores na direcção norte-sul há muitos locais com estas condições. Mas qual será o interesse dessas formas de vida presente em seres unicelulares, em vermes gigantes com plumas de 15 a 20 cms, como a *Riftia pachyptila* ou os camarões sem olhos encontrados, como enxames, nas águas quentes das chaminés submarinas de fumo negro?

A intensa investigação científica que tem sido conduzida nos EUA e em que a Universidade dos Açores tem parcialmente participado permite já avaliar como muito importante o valor desses produtos na farmacopeia contra doenças dos humanos, mesmo as ainda não curáveis. Também podem ser usados em cosmética, aquacultura, combate à poluição, etc. Há até quem considere esses produtos de biotecnologia, em termos



**Luís Amado, Ministro dos Negócios Estrangeiros**

económicos, como o petróleo do futuro.

O mar, esse desconhecido, surpreendente a cada passo e mesmo sem chegar ao mundo estranho dos vulcões submarinos há descobertas espantosas como a feita, há um par de anos, no sangue do king crab existente nas costas do Maine. Contém um antibiótico poderosíssimo que está a maravilhar os cientistas. Para mais, o sangue pode ser parcialmente retirado poupando a vida ao dador.

Assim, mesmo sem falar na importância do Oceano Atlântico no universo da segurança e da defesa, nem

na sua capacidade para dar condições de vida à Terra, esse grande mar constitui uma fonte vital de riqueza e de bem-estar para os habitantes do seu condomínio. Por isso, o Ocidente, se deve unir mais em volta do Atlântico, defendendo-se do mau tempo que pode surgir de outros oceanos...



**Nuno Vieira Matias e João Pereira Coutinho**

\*ALMIRANTE, DOCENTE NO INSTITUTO DE ESTUDOS POLITICOS DA UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA